

**nã
está
claro
até que
a noite
caia**

SIM Galeria São Paulo

JULIANA STEIN

não está claro até que a noite caia

abertura

terça 19 de fevereiro 19h - 21h

20 fevereiro - 23 março 2019

opening

tuesday february 19 7pm - 9pm

february 20 - march 23 2019

texto *text* **Agnaldo Farias**

SIM GALERIA

são paulo

rua sarandi, 113 a

01414-010 | são paulo | brasil

info@simgaleria.com

simgaleria.com

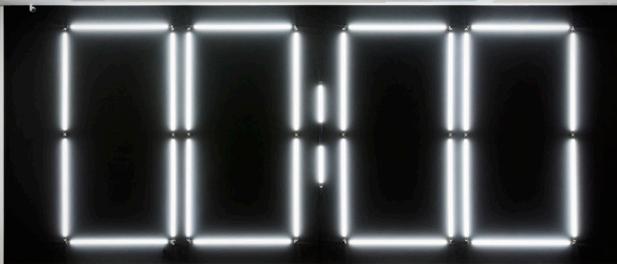
@simgaleria

oops

un

o que
eu não
posso
dizer
sobre
mim

Exposição de Arte e Espaço da UFRJ



infalível
infalível

a man
on fire
burns
like
paper



ENTRE ENIGMAS

Para sua primeira mostra individual em São Paulo, Juliana Stein, como lhe é característico, preparou um elenco enxuto de enigmas. E precisa mais? Como um dia escreveu Walter de Maria, que em 1977 instalou uma charada sob a forma de 400 para-raios num quadrado de uma milha por um quilômetro, numa região desértica do Novo México: *Cada bom trabalho deve ter no mínimo dez significados*. Juliana pertence a essa mesma linhagem. E quem já a conhecia, ou pensava conhece-la, preparou-se para ver fotografias. Para esses ela trouxe uma. Tão misteriosa e ambígua quanto o resto: uma penca de poemas visuais que se desdobram, primeiramente, em sentenças divergentes:

**não
está
claro
até que
a noite
caia**

Insinuação contraditória de que a luz chega com a escuridão – a luz da lua? (o visitante haverá de notar que a luminosidade rebaixada do sol contido no a com til – **não** –, cintila seu último raio no **está**, tônico, despencando por detrás da linha do horizonte – **até, a** noite – para acabar separada pela verticalidade impositiva do i – **caia**);

aliterações:

**infalível
infalável**

em que a ideia de precisão, por um triz coincide com a impossibilidade de expressão. Enquanto o í tônico espelha o átimo da certeza, o **á** abre-se em possibilidades;

a solução enxuta:

oops

em que os **oo** refream a conclusão, realçam o momento em que o espírito em dúvida, eriça-se; põe-se de sobreaviso, enquanto o **s** colado ao p, distende esse estado de espírito;

até o grão da palavra, o ínfimo fragmento, o átomo: **u/n**: quando a letra **u**, virada de cabeça para baixo, de vogal transforma-se em consoante.

Nesse jogo de embaralhamento de linguagem, das formas que ela pode assumir, esplende na parede do fundo, pintada de preto, solução que afora o contraste encurta ilusoriamente a distância, uma espécie de relógio digital ocupando grande parte dela, feito de lâmpadas fluorescentes brancas, marcando 00:00 horas em regime permanente. O relógio ostenta a força da sua matéria incorpórea, cegante e misteriosa. Por que parado e por que parado no 00:00 horas? Seria um ponto de partida ou de chegada? As duas interpretações são igualmente válidas, pois, segundo a lógica mais trivial, assim como acontece com a fotografia que suspende o fluxo de um tempo contínuo iniciado sabe-se lá quando, e que vai perdurar dentro da mesma indeterminação, o relógio parado em 00:00 horas dá a entender o mesmo. De qualquer modo prefiro imaginar, talvez movido pela sugestão do título da exposição, ***Não está claro até que a noite caia***, que o relógio empreendeu uma contagem regressiva, baixando até o zero. O fim do dia tem a ver com apagamento, o grande zero luminoso submergindo atrás da linha do horizonte. Quando as coisas perdem sua nitidez e vão se embutindo na sombra.

Um dos problemas que a exposição de Juliana Stein enfrenta de frente é a cegueira produzida por um mundo onde as pessoas, por assim dizer, não piscam, não têm, porque não tem ou porque não querem ter, um minuto, um segundo que seja, de sombra, escuridão e mistério. Flutuam à tona de suas certezas flácidas, bamboleantes, o que não as impedem de emití-las com a fúria dogmática dos fanáticos.

E é nisso que reside o valor da única fotografia exposta, a imagem solitária que a artista nos concede.

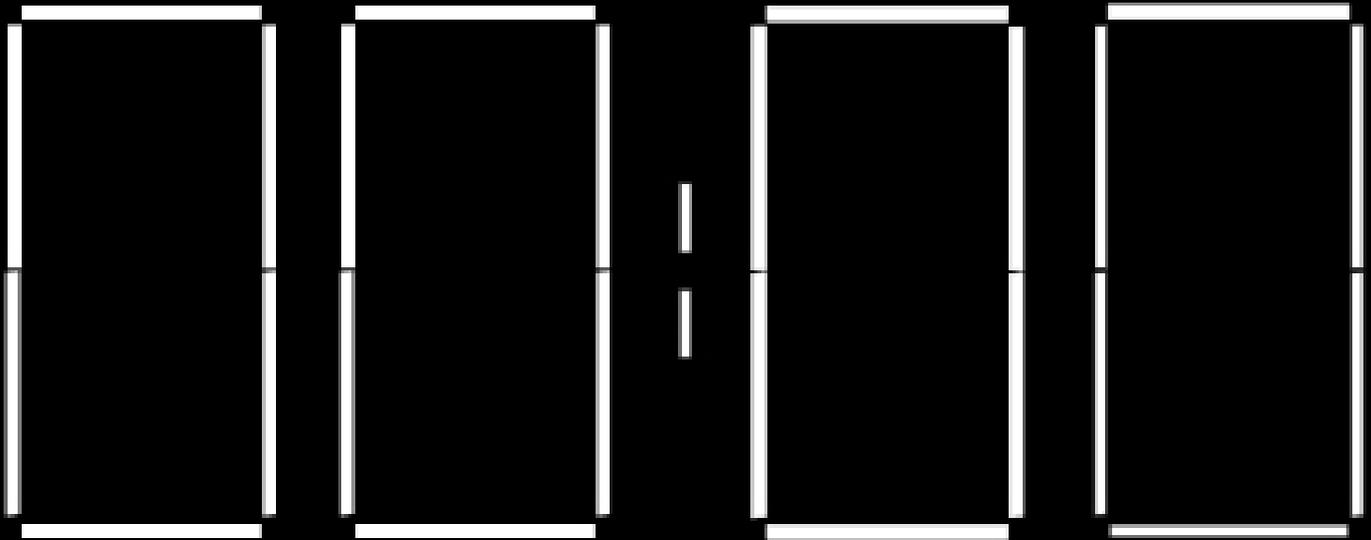
A fotografia vai à praia. Juliana registra o corpo no lugar por excelência da exposição, mais do que isso, da superexposição; onde as pessoas colocam-se literalmente à flor da pele, escancaram sua nudez consentida. Nessa situação, a artista, visitando o avesso, eleger o corpo oculto, envolto no drapeado de um tecido branco, refulgente como o corpo de um fantasma ou de um santo, não se sabe, nunca se saberá. O que se sabe é que isso – um milagre? – acontece à luz do dia, com o sol a pino, ali onde a onda se quebra e a água desfaz-se em espuma, fragmenta-se em infinitas micropartículas, como uma exalação da matéria láctea, a matéria máter do mundo.

Agnaldo Farias



o que
eu não
posso
dizer
dirá
sobre
mim

nada acontece de repente e de repente tudo acontece



Juliana Stein

agora que você chegou até aqui, 2017

25 lâmpadas fluorescentes

25 fluorescent bulbs

120 x 348 cm





oops



o que
eu não
posso
dizer
dirá
sobre
mim



Juliana Stein

memória encobridora, 2017

fotografia

c-print

120 x 120 cm



oops

Juliana Stein

oops, 2017

acrílico e metal

acrylic and metal

120 x 154 cm



Juliana Stein
sem título, 2017
acrílico e metal
acrylic and metal
154 x 120 cm

o que
eu não
posso
dizer
dirá
sobre
mim

Juliana Stein

o que eu não posso dizer dirá sobre mim, 2017

acrílico e metal

acrylic and metal

154 x 120 cm

**infalível
infalável**

**a man
on fire
burns
like
paper**

passo fundo passo a passo





infalível
infalável

Juliana Stein

infalível infalável, 2017

acrílico e metal

acrylic and metal

120 x 154 cm

**a man
on fire
burns
like
paper**

Juliana Stein

a man on fire burns like paper, 2017

acrílico e metal

acrylic and metal

154 x 120 cm



Juliana Stein
livro em pó, 2017
acrílico e metal
glass pots and powder



sente mas
não sabe
que sente
então não
sente

não
está
claro
até que
a noite
caia



Juliana Stein

nós, 2017

neon

neon

260 x 240 cm

sente mas
não sabe
que sente
então não
sente

Juliana Stein

sente mas não sabe que sente então não sente, 2017

acrílico e metal

acrylic and metal

120 x 90 cm

**não
está
claro
até que
a noite
caia**

Juliana Stein

não está claro até que a noite caia, 2017

acrílico e metal

acrylic and metal

154 x 120 cm

BETWEEN ENIGMAS

For her first solo show in São Paulo, Juliana Stein prepared her characteristic lean set of enigmas. And what else do we need? As told by Walter de Maria - whose *Lightening Field* installation from 1977 consists of 400 stainless steel posts arranged in a calculated grid over an area of 1 mile × 1 km in a desert region of New Mexico: *Every good work must have at least ten meanings.* Juliana belongs to this same artistic descent. And whoever knew her already, or has thought to have known her, might have come waiting to see photographs. Which she brought: one; as mysterious and ambiguous as the rest of her works. A bunch of visual poems that unfold divergent sentences at first:

**It's
not
clear
until
the night
falls
down**

it shows a contradictory insinuation that light comes with darkness - the light of the moon? (the visitor will notice that the sun's low luminosity contained in the sonority of the first word in Portuguese *nã*o flickers its last radius in the sound of *está*, tonic; then, setting over the horizon - *until, the night (até, a noite)* - and ending up separated by the taxing verticality of the sound of *i - caia*);

alliterations:

**infallible
ineffable**

in which the idea of precision coincides slightly with the impossibility of expression. While the tonic of both words reflect the state of certainty, it opens itself up in possibilities;

the lean solution:

oops

in which **oo** restrain the conclusion, highlight the moment when the spirit bristles in doubt; being on the alert, while the s stuck to the *p*, distends this state of mind;

till the very detail of the word, the tiny fragment, the atom: **u / n**: when the letter u, turned upside down, once a vowel becomes consonant.

In this game of language shuffling, from all forms it might assume, there is one splendidly painted on the background wall: painted in black (contrasting and illusively shortening the distance), a kind of digital clock occupies most of the wall; the clock is made of white fluorescent lamps, marking 00:00 on a permanent basis. The watch bears the strength of its incorporeal, blinding and mysterious matter. Why is it stopped and why stopped at 00:00? Is it a starting point or a countdown timer? The two interpretations are equally valid, since, according to the most trivial logic, just as photography suspends the flow of a continuous time the clock stopped at 00 : 00 implies the same. Anyway I prefer to imagine, perhaps influenced by the suggestion of the title of the exhibition - **It is not clear until the night falls down**, that the clock has counted down, down to zero. The end of the day can be seen as erasure, the great luminous zero submerging behind the horizon line. When things lose their sharpness and are put in the shade.

One of the issues Juliana Stein's exhibition faces is the sort of blindness of a world where most people do not take (or do not want to take), a minute, a second, for shadow, darkness and mystery. They float on their loose wobbling certainties, which does not prevent them from spreading them out with the dogmatic fury of the fanatics.

And in this lies the value of the single photograph exposed, the solitary image that the artist presents us with.

The photograph takes us to the beach. Juliana captures the body in the place of exposure par excellence, more than that, of overexposure; where people put themselves literally in the prime of their skin, with their bodies consensually naked. In this circumstance, the artist approaches the opposite: she elects the hidden body, wrapped in the drapery of a white cloth, refulgent as the body of a ghost or a saint, unknown; and we will never know. What is known is that this - miracle? - happens under daylight, under bright sunlight, where waves break and water becomes foam, fragmented in infinite microparticles, as a breath of milky matter, the *mater* matter of the world.

Agnaldo Farias

JULIANA STEIN

Passo Fundo, RS - 1970

Vive e trabalha em Curitiba, PR. É graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Paraná (Curitiba, 1992); estudou História da Arte, desenho e técnica de aquarela em Veneza e Florença – Itália, e começou a fotografar no final da década de 90. Seu olhar caminha entre a questão estética e social – segundo o crítico de fotografia Philippe Dubois, no trabalho de Juliana existe um ponto de equilíbrio entre duas tendências da fotografia brasileira: uma ligada ao social e político, e outra, à plástica.

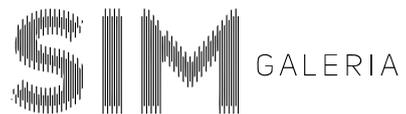
Tem realizado ao longo de sua carreira diversas exposições no Brasil e no exterior, dentre as quais se destacam: O Triângulo Atlântico, curadoria de Alfons Hug e Paula Borghi, 11ª Bienal do Mercosul, MARGS - Museu de Arte do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS (2018); Não está claro até que a noite caia, curadoria de Agnaldo Farias, Bienal Internacional de Curitiba, MON-Museu Oscar Niemeyer, Curitiba, PR (2017); The Darkest Water, Crone Galerie, Berlim (2014); Tupy or not tupy, Museu Oscar Niemeyer, Curitiba, Brasil (2014); 55. Esposizione Internazionale d'Arte la Biennale di Venezia (2013); Place of Residence, Shanghai, China (2012); 29º Bienal de São Paulo, SP (2010); O Estado da Arte, MON, Curitiba, PR (2010); Fondazione Triennale di Milano, Milão, Itália (2007); Carreau du Temple, Paris, France (2005); Festival Internazionale di Roma, Roma, Itália (2003); PhotoEspana Festival, Madrid, Espanha (2003); entre outras.

Possui obras no acervo do Museu da Fotografia de Braga (Portugal), Museum of 21 Century (Austria), MON - Museu Oscar Niemeyer (Curitiba-Brasil), Museu de Arte Contemporânea de Curitiba, e Fundação Cultural de Curitiba (Brasil). Lives and works in Curitiba.

She is graduated in psychology by the Federal University of Parana (Curitiba, 1992); studied History of Art, drawing and watercolor technic on Venice and Florence - Italy, she started working with photography by the end of the 90's. Her looks walk between social and aesthetic questions – according to the photography critic Philippe Dubois, in Julianas work exists a point of balance between two brazilian tendencies on photography: one that partakes the social and politic point of view and other that is linked to the plastic arts.

In the course of her career she has participated and several exhibitions in Brazil and also internationally, between these the highlights are: O Triângulo Atlântico, curated by Alfons Hug and Paula Borghi, 11th Mercosul Biennial, MARGS - Museu de Arte do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brazil (2018); Não está claro até que a noite caia, curated by Agnaldo Farias, International Biennial of Curitiba, Oscar Niemeyer Museum, Curitiba, Brazil (2017); The Darkest Water, Crone Galerie, Berlin (2014); Tupy or not tupy, Oscar Niemeyer Museum, Curitiba, Brazil (2014); 55. Esposizione Internazionale d'Arte la Biennale di Venezia (2013); Place of Residence, Shangai, China (2012); 29th Biennial of São Paulo (2010); O Estado da Arte, MON, Curitiba (2010); Fondazione Triennale di Milano, Milão, Italy (2007); Carreau du Temple, Paris, France (2005); Festival Internazionale di Roma, Roma, Italy (2003); PhotoEspaña Festival, Madrid, Spain (2003); and others.

She has works on the Photography Museum of Braga (Portugal), Museum of 21 Century (Austria), Oscar Niemeyer Museum (Curitiba, Brazil), Curitiba Contemporary Museum of Art, and Curitiba Cultural Foundation (Brazil) collections.



São Paulo

Rua Sarandi 113 a
01414-010 | São Paulo | Brasil
+55 11 3062-8980

Curitiba

Al. Presidente Taunay 130 a
80420-180 | Curitiba | Brasil
+55 41 3322-1818

info@simgaleria.com
simgaleria.com